

Tirania

Bruno Macêdo Mendonça¹

“– São pequenos mosquitos, doutor. Mas não propriamente mosquitos porque eles não mordem, não sugam seu sangue como muriçocas. São bem pequenos e frágeis, com duas asinhas quase transparentes. Não precisa bater com força para matá-los: esfrelam num simples contato, como se feitos de pó. Os filhotes são cinzas; os adultos, quase pretos. Parecem adorar água e ambientes úmidos, por isso vivem no banheiro, mais precisamente nas três paredes que cercam o chuveiro. Multiplicam-se numa velocidade vertiginosa, só o percebi depois que minha mulher disse, num gesto de irritação, “não aguento mais esses mosquitos!”. Ela queria que eu acabasse com eles, mas resisti.

Pelo menos durante um tempo.

O senhor sabe como são as mulheres. Ficou me aporrinhando com aquela habilidade de espaçar as reclamações no tempo, como um copo que se enche gota a gota. Chegou a fazer afirmações absurdas, por exemplo: a de que os tais mosquitos a picavam à noite ou até mesmo que eram os filhotes daqueles mosquitos que picam, quando adultos, a insinuar que os pobres eram muriçocas disfarçadas. Eu não gosto de matar animais, doutor, mas prefiro fazê-lo a ficar ouvindo minha mulher martelando uma ideia na minha cabeça durante dias a fio. Então iniciei a matança. Com uma certa crise de consciência, sim, porque como eu falei, não gosto de matar animais. O que eles me fizeram, afinal?

O problema é que eles não queriam morrer. Digo, enquanto espécie. É muito fácil matar um, dois, dez, trinta. Mas matar a espécie? Provocar um verdadeiro

genocídio? Ah, isso não! Percebi logo. No primeiro dia matei todos os que estavam no espaço do chuveiro. Satisfeito comigo mesmo, cheguei orgulhoso diante de Marina e disse: “pronto! Problema resolvido”. Ela sorriu, maliciosa. Não entendi o sorriso, a não ser no dia seguinte, quando encontrei no banheiro mais uma tropa de inimigos. O chão do chuveiro são placas de madeira, com frinchas por onde a água escorre. Eles devem se reproduzir ali embaixo, mas as placas são fixas e o banheiro não me pertence, sou mero locatário. Resolvi tacar inseticida ali embaixo – claro, depois de ter massacrado mais uns dez mosquitos no tapa.

Um dia depois: lá estão eles novamente. Passei semanas me iludindo, doutor. Eu achava que era só uma questão aritmética, percebe? A população deles devia ser grande, mas à medida que eu fosse matando dez ou quinze por dia, ela inevitavelmente se reduziria, até chegar a zero. Só que tem a questão da velocidade da multiplicação. O senhor precisa entender: quando à noite vou ao banheiro tirar água do Joelho, encontro-os pelas paredes, em pares, uns montados nos outros. Eles se amam imoderadamente, como coelhos. Pior do que coelhos! Dei-me conta de que se eu matava quinze, nasciam trinta de um dia para o outro. Só havia uma maneira de lidar com a situação: matar mais.

Passei a vasculhar o banheiro inteiro, não só a região do chuveiro. Era um ofício diário: antes de tomar banho, e às vezes depois também, eu fechava a porta, ficava nu e saía dando tapas nas paredes. A princípio sem qualquer rancor. Mas com o tempo,

¹ **UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UC.** Doutorando em Línguas Modernas: Literaturas, Culturas e Tradução. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Paço das Escolas, Coimbra, Portugal). Email: bmacedomendonca@hotmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6850-7268>.



algo aconteceu comigo. Não sei explicar, não era só uma revolta que crescia e que me fazia dar golpes desnecessariamente fortes em quem morria tão facilmente. Era algo mais, doutor. Uma compulsão, como vocês chamam. Eu me envolvia naquela tarefa sanguinária, eu falava com os mosquitos, intimava-os a desistir de sua pretensão ridícula de dominar meu banheiro. Cheguei ao ponto de, num dia bem cansativo, dialogar com um dos seus líderes, rogando-o que se rendesse, que deixasse em paz meu território. É claro, ele não se rendeu: matei-o com um soco e em vez de limpar a parede onde ele havia morrido, deixei ali seu corpo esmagado para que servisse de exemplo aos demais. O senhor sabe, a velha estratégia de intimidação. Mas não posso exagerar nisso, não quero que os líderes se tornem mártires.

Às vezes um deles conseguia escapar de diversos ataques meus. Virava um herói na nação dos mosquitos. Eu não podia deixar isso acontecer, mas me comprazia em vê-lo viver mais um dia para dar esperança ao seu povo. A esperança não pode morrer, sequer entre estes animais. A esperança tem que estar lá no interior abismal do grão de areia, não acha? Por isso também espaçava minhas matanças no tempo, deixava agora que a população crescesse exponencialmente antes de, num dia de fúria, realizar um massacre do qual não escapavam sequer velhos mosquitos, crianças mosquitos ou mulheres mosquitos. Olhe, doutor, essa experiência me fez perceber que há um pequeno – talvez até um grande – ditador dentro de mim. Um pequeno sujeito de bigode que não aceita as contingências do mundo e cuja sede de destruição é inesgotável. Agora me diga: pra que a mulher foi falar nesses mosquitos? A mulher é a perdição do mundo mesmo – definitivamente.

A minha vivia na ilusão de que eu havia dado cabo dos bichos. Sim porque, como eu sempre tomo banho antes dela, ao entrar no banheiro não se dava conta de que o marido havia praticado um genocídio de proporções épicas. Não, não exagero: o senhor faça as contas: de vinte a trinta mosquitos mortos diariamente durante meses a fio! Eu sei o que o que vai me dizer: por que não chamei um serviço de detetização? Talvez devesse tê-lo feito. Não estaria

aqui agora. Só que aquela insistência em sobreviver, digo, a insistência deles, começava a me irritar. Eles estavam me testando, doutor, podia ver o sorrisinho sarcástico nas bocas minúsculas. Aquela expressão de desafio de quem não se rende, sabe? Pois então, eu também não me rendo! Prefiro dizimar uma espécie do que me render, afinal, quem está com a razão? A minha espécie, claro! Ou por acaso mosquitos possuem razão? O superior sou eu. Se digo “morra, mosquito”, não se discute. Tem que morrer.

Ah mas uma coisa é certa: eu fiz um bem à espécie. Ora qual! A deles! Perceba. Com o tempo, eles se tornaram mais ágeis. Não era tão fácil matá-los. Por que o senhor acha que isso aconteceu? Eu digo por quê. Eu proporcionei um salto evolutivo às sucessivas gerações que viveram sob ataque constante. Cada uma delas nascia sob a sombra de minha fúria, e isso foi alterando o genes coletivo, de modo que cada nova geração tinha mais velocidade – e eu acrescentaria: desfaçatez – para me enfrentar. Eu fazia parte de seu ambiente natural, ao qual tinham que se adaptar como espécie. Isto é Darwin puro! Então com que orgulho não presenciei aqueles dribles, aquela escapada esperta, os voos que pareciam agora voos de moscas. Eu criava, com minha ação consciente, uma espécie nova, evoluída, mais apta à sobrevivência num mundo implacável. Não é isso ser um Deus? Hein? Não vou dizer com cem por cento de certeza, mas acho que vi alguns se ajoelharam para rezar. Nem preciso dizer para quem rezavam, não é, doutor?

Quando você percebe que seu agir promove uma evolução, ainda que esta se dê na comunidade desses pequenos seres insignificantes, cai a ficha: você tem uma função no universo, você o movimenta. E eu que antes pensava só estar a tentar debelar uma infestação, veja só! Eu sou responsável pela marcha do mundo, é quase como empurrar o planeta para que ele gire, é gigantesco, é, é... Não sei, não tenho palavras para definir, mas o senhor certamente compreende. E antes eu acreditava não ter importância no mundo, acomodado que estava no meu sofá, no meu emprego estável, fazendo churrascos no fim de semana, fumando meu maço diário, enfim, me destruindo aos poucos. No período de um ano, pou!

Descubro-me ativo, a massacrar populações indefesas. O senhor já tirou todas as consequências dessa ação? Se eles são capazes de se tornar mais rápidos, quem os impede de se tornarem mais inteligentes? Num futuro distante, serão o quê, me diga lá. Uma raça esperta, desconfiada, batalhadora, guerreira, em suma, a maior e melhor das espécies: a humana! Só que com asas. Ou seja, serão melhores. Doutor, estou convicto disso.

Mas da espécie humana eles já aprenderam a ingratidão. Num dia em que eu exercia certa tolerância – matando só os adultos, sabe? –, e os aniquilava em modo automático, sem dar muita atenção ao que fazia, um dia, em suma, em que a vida me parecia leve, eles contra-atacaram. Não sei muito bem como foi isso. Sei que eu prestava atenção num que insistia em escapar aos meus assaltos quando um outro, aproveitando-se de minha displicência, voou direto para dentro do meu nariz! Ah, o sorrateiro! Entrou pela narina esquerda com tamanha violência que parecia um *kamikaze*! E não ficou ali à entrada, não: queria me atingir, por vias labirínticas que parecia conhecer (não sei como), o cérebro, tanto que senti, angustiada, aquele ser estranho a me revirar o interior do cabeça. Deu-me uma tontura esquisita, sabe, Doutor, uma náusea insuportável! Lembro de ter me desequilibrado, encostando uma das mãos na parede enquanto com a outra tentava expulsá-lo pressionando a narina oposta e fungando desesperadamente. Enfim, depois disso não lembro mais de nada, só do momento em que acordei nesse hospital.”

O sujeito de bata branca que até então, em pé ao lado da cama, fizera anotações em seu caderno, sem olhar para o paciente, levantou os olhos na sua direção, ajeitou o travesseiro atrás das costas do doente e disse, com um sorriso paterno e compreensível:

“– Não estamos num hospital”.

Recebido em: 20/12/2018

Aceito em: 04/09/2019

Endereço de Correspondência

Universidade de Coimbra (UC), Palácio dos Grilos Rua da Ilha, Coimbra, Distrito de Coimbra, Portugal, 3000-214.